

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 24
NÚMERO 2
(JAN-JUN)
2016
PP. 416-435.

OLHARES SOBRE A CIDADE: NARRATIVAS SOBRE A MODERNIDADE, CÁCERES/MT NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

(THE HISTORY OF BLACK PEOPLE IN BRAZIL: A SOCIAL-HISTORICAL VIEW OF RACE RELATIONS AND SCHOOL CURRICULUM)

GIUSLANE FRANCISCA DA SILVA

Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso
giuslanesilva@hotmail.com

RESUMO: As cidades se constituem de acontecimentos nos quais as experiências humanas, tanto individuais quanto coletivas, expressam peculiaridades e dimensões das sociabilidades de seus moradores. Pode-se conceber a cidade como um mecanismo articulador entre indivíduos e grupos sociais, transpassada por uma multiplicidade de representações acerca dos acontecimentos. Para tanto, buscamos com esse texto, pensar a cidade de Cáceres/MT nas primeiras décadas do século XX na ótica de uma parcela de seus moradores.

PALAVRAS-CHAVE: História. Memória. Modernidade.

ABSTRACT: The Cities are constituted of events in which human experiences, both individual and collective, express peculiarities and dimensions of the sociability of its residents. One can conceive of the city as a join mechanism between individuals and social groups, pierced by a multiplicity of representations about the events. Thus the object in this paper is to analyze the city of Cáceres/MT in the first decades of the twentieth century the perspective of a portion of its residents.

KEYWORDS: History. Memory. Modernity.

INTRODUÇÃO

As cidades não contam seu passado elas o contém escrito em seu traçado geográfico, em cada rua, casa, praça, beco e na memória daqueles que viveram e vivem em seus espaços e constituem parte do emaranhado de relações sociais que neles são tecidos. Um lugar permeado de significações acumuladas mediante a atuação do tempo, resultante de uma produção social, antes um produto da experiência visual de quem olha, e conseqüentemente nela circula e a ressignifica (MEDEIROS NETA, 2011). A cidade material se constitui em um suporte da memória, com possibilidade a orientar o conhecimento ou o reconhecimento dos sujeitos que nela transitam ou residem.

Nesse trabalho, buscou-se pensar a cidade enquanto resultado das percepções dos mais distintos cidadãos que nela circulam, visto que a cidade desenha-se a partir daquele que a observa, ao passo que existem e convivem em um mesmo espaço variadas experiências, a partir dos diversos grupos sociais que a produz. Sobre a dinâmica que constitui a cidade, Calvino (1990) assinala que “cada pessoa tem em sua mente

uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares” (CALVINO, 1990, p.17). A cidade nessa perspectiva deve ser compreendida enquanto um espaço heterogêneo, múltiplo, ao mesmo tempo em que carrega particularidades dos sujeitos que transitam por suas avenidas, ruas, praças, vielas e etc.

Para Calvino “(...) a cidade não é feita disso (traçados geométricos), mas a partir das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado” (CALVINO, 1990, p. 7). Desse modo, proponho trabalhar os olhares de alguns moradores, em geral membros das elites, sobre a cidade de Cáceres/MT nas primeiras décadas do século XX, período em que a cidade estava sob forte influência dos discursos de modernização/modernidade, empreendendo vários projetos de reformulação urbana. Como se verá a seguir, as elites da cidade, tomando como parâmetro de urbanização cidades do litoral buscaram na medida do possível aproximarem-se do dito mundo moderno. Suas narrativas exprimem um claro descontentamento com a espacialidade de Cáceres que ainda carregava os ares de cidade colonial. As fontes para a construção desse trabalho foram essencialmente as narrativas orais.

CONTRIBUIÇÕES DA MEMÓRIA PARA A HISTÓRIA DAS CIDADES

No presente texto procurou apontar a relevância das narrativas orais enquanto fonte para se pensar a história das cidades, visto que longe de se constituírem enquanto fontes limitadas, os relatos dos habitantes que vivenciaram a dinâmica da cidade de Cáceres revelam “tempos” e “espaços” que se tornam conhecidos através do trabalho de rememoração. Daí a importância dos relatos de memória enquanto fonte documental, pois as expressões, o valor simbólico que alguns espaços adquirem na memória coletiva da cidade, não são possíveis de serem percebidos nas fontes escritas. A memória torna-se importante categoria nas análises, enquanto campo de lutas, tensões sociais e formas de dominação e legitimação de poder, uma vez que tem sido as circunstâncias quem definiu, ao longo do tempo histórico, quais memórias e quais histórias deveriam ser consideradas plausíveis (FENELON, 2004). Visto que muitas memórias foram esquecidas e/ou silenciadas (POLLAK, 1985) muitas vezes pelos “grandes temas” da historiografia que durante muito tempo julgaram desnecessário a conservação/preservação de algumas memórias.

Compreendo que a reconstituição da memória em meio a sociedade da informação, da tecnologia, do tempo cada vez mais acelerado que ocasionam a perda cada vez mais rápida da significância de objetos e acontecimentos, permite “conservar” espaços, acontecimentos, sociabilidades, enfim, um universo que não existe mais. A “reconstituição” dessa memória adormecida permite conhecer a cidade subscrita em um passado distante ou recente, repletos de *agoras* inexistentes, visto que “(...) lembrar não é, mas refazer, reconstruir com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (CHAUÍ, 1987, p. 20). Dessa maneira, os sujeitos mediante o trabalho da rememoração possibilitam conhecer um pouco desse passado, na perspectiva do(a) narrador(a).

As narrativas orais não são meramente exposições da memória, mas sim, uma descrição que perpassa entre os dois tempos, passado e presente, reconstruindo ambientes, imagens e sons, possibilitando atualizar o passado no presente, considerando que as narrativas são frutos de “uma nova construção”, em que são expressas mediante aquilo que para o narrador convém contar. Entre vários outros significados e sentidos, as memórias desenham territórios dos agentes sociais, pinçando o traçado dos

espaços em que se realizaram as experiências humanas. Para Guimarães Neto (2006) o trabalho com relatos orais requer cuidados indispensáveis, sendo necessário aplicar a eles o mesmo rigor metodológico utilizado em outras fontes, ao mesmo tempo em que estas não devem ser interpretadas como uma reconstituição real do passado.

OLHARES SOBRE A CIDADE: NARRATIVAS SOBRE A ESPACIALIDADE DE CÁCERES/MT

Após longas negociações é assinado em 1856 o *Tratado de Aliança, Comércio, Navegação e Extradicação*, estabelecido entre Brasil e Paraguai, que possibilitou a abertura da navegação fluvial pelo rio Paraguai, facilitando a mobilidade de estrangeiros em terras mato-grossenses favorecendo a economia de importação e exportação entre Mato Grosso e os países do Prata (Paraguai, Argentina e Uruguai). A interligação da província com esses países e com cidades do litoral brasileiro e até mesmo com a Europa, interferiu em toda organização social, cultural, política e econômica de Cáceres. Contudo, a navegação foi interrompida em 1864 com o início da Guerra da Tríplice Aliança contra o

Paraguai. Após o fim do conflito armado em 1870, a navegação foi reaberta, e novamente a província e consequentemente Cáceres passou a interligar-se com outros centros urbanos.

Quando a navegação foi reaberta, principalmente as elites passaram a manter um constante contato com o Rio de Janeiro, São Paulo e mesmo com cidades da Europa. Da mesma maneira que ocorriam em outras cidades, embora com menor intensidade, em Cáceres em decorrência do *ir e vir* de seus moradores (as elites) e através da chegada de imigrantes, sobretudo europeus, a cidade passou a sofrer forte influência dos discursos de modernização/modernidade em curso nos grandes centros urbanos no país. A partir desse momento, iniciou a implementação de diversas medidas de modernização do espaço urbano a iniciar pelo processo de modificação de suas edificações, sendo construídas grandes casas em estilo neoclássico e eclético, agora possível graças a entrada de novos materiais e técnicas importadas, principalmente da Europa, embora mantivessem a mistura com outras técnicas de construção como o estilo colonial.

A partir desse momento, tanto as elites quanto os administradores empreenderam uma série de

projetos no intuito de remodelar o espaço urbano, bem como modificar os hábitos dos cidadãos, partindo das elites. Apesar dos poucos recursos financeiros que os cofres públicos dispunham, vários projetos foram estabelecidos para tal finalidade, como por exemplo, a arborização de ruas, avenidas e praças, calçamento das principais vias, construção do cais do porto, matadouro municipal, Jardim Público, entre outras obras concluídas, e outras tantas que sequer saíram do papel por falta de recursos. Contudo, as intervenções não ficaram restritas à modernização do espaço urbano, pois nesse período, o poder público interferiu diretamente na vida dos cidadãos, disciplinando e regularizando suas condutas.

Mediante a navegação pelo rio Paraguai, Cáceres passou a ser porta de entrada para mercadorias, migrantes e imigrantes que chegavam a província, ocupando um papel significativo dentro do contexto local. O que não a isentava de problemas, visto que juntamente com outras cidades, entre elas a capital Cuiabá, sofria também com vários problemas ligados a infraestrutura, como a falta de iluminação e calçamento das ruas, abastecimento de água, redes de esgoto, entre outros, que traziam um grande mal estar para seus moradores, especialmente para as elites locais e administradores públicos. A ausência de melhorias na

cidade, muitas vezes era denunciada nos periódicos, como se pode ver no trecho de um artigo publicado no jornal *A Razão* de 1924, que traz uma lista com vários problemas enfrentados pela cidade:

(Cáceres) Devia ser portanto, uma cidade absolutamente geométrica, com suas ruas largas, direitas, cortando-se em ângulos rectos, arborizadas, praças ajardinadas, onde as famílias pudessem passar e se espairecer às tardes de verão e às noites de luar. O traçado primitivo começado pelos fundadores da cidade e continuado pelos seus primeiros habitantes, vem sendo desprezado, o que é antiestético e antihigienico, isto é, enfeia a nossa urbe e a predispõe para se tornar inhospita e insalubre em futuro talvez não muito remoto (...) (A RAZÃO, 1926, p. 2).

O trecho acima citado deixa explícita a indignação de uma parcela da população diante da permanência do traçado urbano, que continuava carregando os aspectos de cidade colonial, cujas ruas apertadas dificultavam a circulação de ar nas casas, construídas em quadras mal definidas tornando a paisagem em uma típica cidade colonial, o que traziam

um grande desconforto, tanto para os poderes administrativos quanto para as elites.



Figura 1. Vista Parcial da cidade

Fonte: SIMON, F; AYALA, S. C. *Album Gráfico de Mato-Grosso*. Corumbá/Hamburgo: s/ed., 1914, p. 354.

Com o intuito de proporcionar a cidade um aspecto mais moderno, bem como a tentativa de eliminar as enormes poças de água nos lugares destinados aos transeuntes, as posturas municipais ordenavam que todos os proprietários calçassem em um curto prazo a parte da frente de suas casas, proporcionando o nivelamento das ruas e declinação

das águas nas mesmas estagnadas, caso a ordem expedida fosse negligenciada, os proprietários do imóvel seriam obrigados a pagarem uma multa pelo não cumprimento da mesma. No entanto, não foi possível identificar se tais medidas exigidas pelos administradores foram cumpridas rigorosamente pelos cidadãos.

A falta de calçamento e nivelamento das vias públicas traziam vários percalços para moradores da cidade, como a poeira durante a estiagem e o lamaçal no período das chuvas. Como se pode perceber nos relatos da comerciante D. Joana de Albuquerque de 79 anos, que nasceu e viveu toda sua vida em Cáceres, agora rememorando sobre a condição das ruas e avenidas da cidade nas duas estações do ano, afirma que: “(...) as ruas (de Cáceres) na seca era aquele pó horrível (...) e na chuva um lamaçal que não tinha jeito (...)” (ALBUQUERQUE, 2006), o trecho da entrevista refere-se a um fator que durante um longo período foi muito preocupante para os moradores, diz respeito a falta de calçamento das ruas. Cáceres era desprovida de calçamento até mesmo na área central, avenidas e praças principais, que no período de chuvas as mesmas ficavam lamacentas e na estação seca, a poeira que cobria a cidade ocasionava uma série de problemas

pulmonares e alergias nos moradores. A *urbe* só passou a contar com tal melhoramento urbano, na década de 1930. Na estação seca, aqueles que possuíam recursos financeiros, fugindo da poeira que cobria a cidade, se retiravam para a zona rural ou para Corumbá onde normalmente possuíam parentes ou amigos próximos.

Quanto a cidade na ótica de seus moradores, alguns são mais pessimistas ao retratarem a mesma condição em que se encontrava a pequena *urbe*, como por exemplo, o Sr. Augusto Figueiredo de 73 anos que vindo de Pernambuco, não esconde o descontentamento que tivera ao mudar-se para Cáceres e se deparar com um cenário pouco atrativo. Agora rememorando sobre esse episódio, o depoente deixa esclarecer seu sentimento de “desespero” e desânimo diante do que avistara: “(...) a cidade foi péssima; pra mim era uma cidade morta, acabada. Eram aquelas casas tudo velha (...). Aquilo ali num tinha um asfalto, num tinha nada” (FIGUEIREDO, 2005). Outra entrevistada, D. Marta Ribeiro de 94 anos, traz em seu relato um mapeamento das péssimas condições em que se encontravam as ruas de Cáceres, inclusive as principais, como a Rua Treze:

(...) as ruas principais eram um chiqueiro, a rua Treze é uma rua principal, que até hoje em dia ainda é. Rua Treze, mas tem casas lindas, bonita, sobrado, essa *coisa* (...) esse tempo era um atoleiro completo. A gente saía do Colégio de Irmã, tinha que tirar sapato pra poder atravessar a rua porque atolava na chuva (...) nós tudo sem sapato, de sapato na mão porque chovia, era aquele atoleiro mesmo que ninguém podia passar de sapato, ia até em casa. Ia atolando tudo, era uma tristeza, eram umas casinhas! (RIBEIRO, 2005).

As narrativas acima mapeiam as condições das ruas e avenidas da histórica Cáceres por volta dos idos de 1920, embora no último relato as impressões que se tem acerca da cidade, é um tanto mais pessimista. Dessa maneira, é possível perceber a subjetividade dos(as) entrevistados(as), no que diz respeito as suas concepções do que é ser moderno/urbanizado. Como afirma Ítalo Calvino a cidade se desenha a partir daquele que a observa, ao passo que existem e convivem em um mesmo espaço variadas experiências, a partir dos diversos grupos sociais que as produzem, ou seja, cada a partir de seu grupo social constrói/define a cidade. Para Calvino:

É o humor de quem olha que dá forma a cidade (...) quem passa assobiando, com o nariz empinado por causa do assobio, conhece-a de baixo para cima (...). Quem caminha com o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos à altura do chão, dos córregos, das fossas (...) (CALVINO, 1990, p. 29).

As cidades se constituem de acontecimentos nos quais as experiências humanas, tanto individuais quanto coletivas, expressam peculiaridades e dimensões das sociabilidades de seus moradores. Pode-se conceber a cidade como um mecanismo articulador entre indivíduos e grupos sociais, transpassada por uma multiplicidade de representações acerca dos acontecimentos. As mais diversas memórias encontram-se presentes no tecido urbano, transformando seus lugares em espaços, expressando um forte valor afetivo tanto para os que neles vivem, como para quem apenas o visita, lugares que “(...) não somente tem memória, mas que grupos significativos da sociedade, transformam-se em verdadeiros lugares de memória” (GASTAL, 2002, p. 77).

Para infelicidade, sobretudo das elites, embora Cáceres se constituísse em uma das três cidades mais

importantes de Mato Grosso, juntamente com Corumbá e Cuiabá, no entanto, não se desenvolvia na mesma velocidade, tampouco gozava dos mesmos recursos de infraestrutura que as demais, especialmente Corumbá, que nesse período obteve um desenvolvimento frenético, ao ponto da capital Cuiabá ver a possibilidade de ser sucumbida, perdendo a posição de capital da província.

Cáceres¹ continuava com suas velhas estruturas coloniais, sem atrair grandes investidores, sequer possuía recursos financeiros o suficiente para empreender uma reforma urbanística, como em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, ou mesmo como sua vizinha, Corumbá. Recém-chegada na cidade, Stella Ambrósio não deixou escapar o “susto” que levou ao visualizar a cidade: “(...) quando cheguei, fiquei com o coração pequenininho. A cidade era horrorosa. Era um dia de chuva e estava tudo cheio de lama. As ruas sem calçamento, as casas simples. Como Cáceres era triste! pobre” Não havia praças propriamente. Não tinha a catedral, apenas uma capelazinha” (BAPTISTA, 1998, p. 27). É importante ressaltar que o trecho acima faz parte de uma entrevista concedida por uma recém chegada, que trazia em si, a concepção de cidade aos moldes do Rio de Janeiro, cidade a qual provinha, desse modo, é

compreensível o “choque” que tivera ao perceber que Cáceres, aos olhos desta elite, longe estava de alcançar o patamar de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, no que diz respeito a projetos de urbanização e modernização dos espaços urbanos.

Outra questão que muito incomodava os moradores de Cáceres, diz respeito a falta de iluminação pública. A cidade só passará a usufruir o já ultrapassado sistema de iluminação a gás somente no século XX, mais precisamente em 1908. O sistema de iluminação pública contava com a instalação de lâmpões a querosene, cujo benefício ficava restrito apenas as áreas centrais da cidade. A tecnologia já estava bastante defasada, devido o baixo grau de luminosidade, até por que a falta de querosene era também muito recorrente. A partir das narrativas, foi possível perceber que todos os dias, um senhor identificado como Boa saía às ruas abastecendo os lâmpões com querosene, depositando nestes, uma quantidade suficiente para que se mantivessem acesos até às dez horas da noite, posteriormente voltava e os acendia. Por vezes, em caso de festas, as mulheres mais jovens pagavam uma pequena quantidade em dinheiro ao Sr. Boa responsável em acender os lâmpões, para que depositasse um pouco a mais de querosene nos lâmpões para que

pudessem ficar acesos até aproximadamente as 00:00, quando então retornavam para suas casas.

Os relatos do Sr. Lúcio Moraes nos permite “visualizar” o panorama do período que antecede a luz elétrica, propiciando o estabelecimento de brincadeiras entre as crianças que aproveitaram a pouca ou nenhuma iluminação dependendo do local onde se residiam, para brincarem de esconde-esconde atrás das vacas que dormiam nas ruas. Como se pode ver no trecho a seguir:

A infância da gente era assim muito movimentada, né; à noite, a cidade era escura, muito escura! E era iluminada por um lâmpão de querosene por um senhor chamado Boa, que saía com o lâmpão e o querosene pra abastecer os lâmpões da cidade e acendia os lâmpões, mas era uma luz assim tão fraca que não dava (...) a gente vivia praticamente numa escuridão (...) o largo aqui do centro era tomado de gado, de boi, de touro, de tudo e dormia aqui; então, a gente aproveitava, brincava de bate-barete escondendo atrás das vacas (...). Escondia atrás das vacas, porque o Sangradouro enchia muito quando chovia e eles lá ficavam muito molhados e eles corriam todos pra dormir aqui na Praça (...) (MORAIS, 2005).

Nas narrativas os moradores apontam as dificuldades enfrentadas para se locomoverem a noite na cidade, pois a iluminação não era suficiente para visualizar todos os buracos e valas existentes no perímetro urbano, que por sinal não eram poucos(as), o que ocasionava alguns incidentes. No relato da dona de casa, D. Marta Ribeiro de 94 anos, nascida e criada em Cáceres, também faz menção aos animais que circulavam pelas ruas. Sobre essa questão, D. Marta faz a seguinte lembrança:

Aí nós vinha de lá da Ponte Branca, já olhava, tá acezinha aquela luzinha, né. Vinha à pé, lá vinha se não era aquela escuridão preta que você não enxergava daqui a alí (...) subia por cima de vaca (...) alí na ponte, depois que passava a Ponte tinha uma ribanceira, aonde ficava o Sangradouro, assim, coisa (...) alí deitava uma porção de vaca de leite, que leiteava lá na casa de Barbosa. Então, aquelas vacas tudo, touro brabo vinha deitar ali (RIBEIRO, 2005).

Como se pode perceber, era muito comum a circulação de animais como porcos, galinhas, cachorros, vacas e outros animais no perímetro urbano de Cáceres. Ainda nas apertadas ruas da cidade transitavam com

suas carrocinhas os vendedores ambulantes de legumes, verduras, galinhas, leiteiros, aguateiros e etc., entre outras categorias de trabalho, como as lavadeiras que se dirigiam ao rio cotidianamente para a lavagem de roupas, os moradores que circulavam de um lado ao outro para tratar de algum negócio e etc.. Essa questão deu margem para que os administradores buscassem meios de extinguir com os animais que trafegavam livremente pelas ruas. Inicialmente as posturas municipais permitiam que se criassem animais como porcos e galinhas dentro dos quintais, desde que as normas de higiene fossem cumpridas, no entanto, não se sabe se devido ao não cumprimento dessas normatizações, foi proibido definitivamente a criação de animais dentro do perímetro urbano.

A circulação de animais de grande porte pelas ruas como as vacas, que por sinal eram ordenhadas dentro do perímetro urbano, se juntava a outro problema, já apresentado aqui: a pouca iluminação, o que resultava por vezes em inconvenientes como o relatado por D. Marta Ribeiro, no qual segundo a mesma num certo dia ela juntamente com um grupo de meninas ao voltarem de um passeio na Ponte Branca estando as ruas bem escuras, embora parte dos lampiões estivessem acesos, sua irmã percebeu que havia

tropeçado em uma vala e seu vestido encontrava-se enroscado nos chifres de um bovino, fato que causou um grande susto no grupo de meninas.

Agora D. Marta Ribeiro em meio a risos que o acontecimento propicia, faz a seguinte lembrança: “(...) eu sei que era um tal de subir em cima de vaca de noite (...) mas era triste essa falta de luz, viu?” (risos) (RIBEIRO, 2005). Há que se considerar que o ato de lembrar sobre algo se dá a partir de estímulos do presente, visto que é o presente que propicia o chamamento à memória, a escolha do que contar, ou mesmo o que se sente autorizado a revelar é feita pelo entrevistado, de maneira consciente ou inconsciente. A lembrança é “(...) constantemente reformulada pelo que acontece no presente, e essa relação passado presente caracteriza-se por ser um processo contínuo de reconstrução e de transformação das experiências lembrada (...)” (ALMEIDA, 2009, p. 227). O fato de recordar o passado a partir do presente faz com que os(as) depoentes, como é o caso de D. Marta que ao narrar sobre a falta de iluminação elétrica, o faz por que a mesma já conhece outras formas de iluminação “mais” eficientes, como a luz elétrica, tal fator propicia a narradora lançar um olhar de estranhamento sobre o período.



Figura 2. Praça da Matriz

Fonte: SIMON, F; AYALA, S. C. *Album Gráfico de Mato-Grosso*. Corumbá/Hamburgo: s/ed, 1914, p. 353.

Além da pouca eficiência do sistema de iluminação, outro problema enfrentado pelos administradores, diz respeito aos roubos dos materiais de iluminação, fatos estes, que acarretou na elaboração de medidas pela Intendência Municipal com o intuito de sanar com os atos “vândalos”, para tanto, foi nomeada uma comissão para examinar a contabilidade da Intendência, criando a “Vigilância Noturna” por ato nº. 32 de 8 de janeiro de 1931, para ajudar na repressão ao contrabando e evitar furto de material de iluminação

pública. Caso fosse identificado o autor de algum ato “vândalo” seria expedida uma multa, que variava de acordo com a gravidade do ocorrido.

Ainda no início do século XX praticamente todas as cidades do Brasil enfrentavam os mesmos problemas, como a falta de abastecimento de água, redes de esgoto e remoção do lixo entre outros. O Rio de Janeiro, por exemplo, apesar de ser considerado como “cidade modelo” para o Brasil, até meados do século XIX, sofria com os problemas de falta de esgotos e abastecimento de água no perímetro urbano, o abastecimento fazia-se através das bicas, dos poços públicos e principalmente, por chafarizes instalados na maioria das vezes na área central da cidade, aglutinando sempre uma multidão de pessoas (BENCHIMOL, 1992). Quanto aos esgotos, até meados do século XX eram despejados livremente nas valas e praias da cidade, sendo transportados por escravos, conhecidos como “tigres”.

A capital de Mato Grosso apresentava os mesmos problemas, a localização geográfica às margens do rio Cuiabá não impossibilitava que a mesma enfrentasse deficiências no sistema de abastecimento de água, que geralmente vinha em decorrência de “(...) equipamentos inadequados para o seu bombeamento, agravada por manutenção deficiente, em virtude da

falta de recursos (...)” (FANAIA, 2010, p. 51). Problemas que sempre estavam em pauta nas cobranças dos moradores da cidade, que esperavam que os poderes administrativos assumissem seu papel, buscando operações de limpeza e manutenção de ruas e melhoramento no serviço de abastecimento de água.

Cenário este que se repetia também na “princesinha do Paraguai”, que compartilhava da falta de melhorias urbanas, vivenciada pela capital, embora de maneira mais acentuada, como a falta de redes de esgoto, abastecimento de água, e várias outras. Assim como a capital, o fato de estar localizada às margens de um rio, no caso o Paraguai, não a deixava impune do problema de abastecimento de água o que durante muito tempo, foi sanado pelos chamados *aguateiros*, que saíam com uma carroça pelas ruas da cidade vendendo água. Aqueles que não dispunham de recursos financeiros para comprar, utilizavam-se dos poços que normalmente ficavam próximos as fossas, o que de certa forma facilitava a contaminação dos usuários e a proliferação de doenças.

Foi somente em 1929 que ocorreu o início do serviço de abastecimento de água na cidade pela firma Castrillon & Irmãos, o que resolveu mesmo que em partes o problema de abastecimento de água, que era

retirada do rio Paraguai, e a seguir encanada até chegar a uma caixa na parte central da cidade, no qual atuava como centro de distribuição para as demais localidades. D. Eloíse Nunes, dona de casa de 77 anos, em sua narrativa descreve sobre os anos iniciais da instalação do sistema de captação e distribuição de água:

Olha, logo que começou a fornecer a água em Cáceres já foi de encanamento; então, tinha uma caixa d'água grande de ferro lá na Coronel Faria, não sei de quantos mil litros (...) que foi Castrillon que construiu e já saía distribuição de água (...) Castrillon já começou instalando a água com cano, ia entrando nas casas, ia fazendo de pouco a pouco (...) o encanamento ia até onde tinha mais casa (...) (NUNES, 2006).

Sem dúvidas tal feito deve ser considerado como um avanço que resolveu um drama vivido pelos moradores da cidade, o do acesso à água potável, no entanto, pelas narrativas pode-se perceber que embora seja considerado um direito de todos, isso de fato não ocorrera, grande parte devido aos custos da encanação que ficava a cargo do beneficiário, o que fazia com que uma parcela significativa da população desprovida de recursos para tal, não desfrutasse desse significativo

avanço que a cidade deu rumo ao dito “mundo moderno”. Sobre essa questão uma moradora relata que, “na nossa época eram poucas casas que tinham a água encanada, mesmo que os Castrillon trouxeram, mas não eram todos que tinham a água encanada” (ARRUDA, 2005).

Nesse momento, praticamente em grande parte das cidades em todas as regiões do país, os administradores empreenderam vários projetos na tentativa de melhorar os espaços urbanos, como arborização, calçamento das ruas e praças, estipulando um padrão de construção das casas dentro do perímetro urbano, e várias outras medidas que buscavam desvincular as cidades do aspecto colonial, e, portanto, envelhecidos que muitas cidades ainda carregavam. Em Cáceres, como se pode notar, não foi diferente, no intuito de modernizar o espaço urbano, algumas obras julgadas essenciais pelos administradores foram concretizadas, entre elas o Porto Mario Corrêa, que foi inaugurado em 1928; o Matadouro Municipal em 1919, o Jardim Público, em 1935, entre outras obras, como a arborização das praças Barão do Rio Branco, Major São Carlos e Avenida Sete de Setembro, e como medida de manter os animais que perambulavam pelas ruas, afastados das plantações foi

necessário construir pequenos cercados ao redor. Além de melhoramentos como calçamento de ruas e praças.

Comumente nas cidades brasileiras havia o costume de se abater reses dentro do traçado urbano, tal prática foi alvo de constantes críticas de higienistas. Posteriormente diversas medidas foram tomadas com o intuito de eliminar dos espaços urbanos essa prática considerada como inadequada para as cidades modernas e civilizadas que a República buscava consolidar. Uma das medidas foi tornar obrigatória a construção de Matadouros Municipais, eliminando a antiga prática de abate de reses nas cidades, estes, seguindo as recomendações de médicos e sanitaristas, deveriam ficar localizados afastados do perímetro urbano.

Em Cáceres o Matadouro Municipal foi inaugurado em 1º de janeiro de 1919 na administração do Sr. Adolpho Joseti e o segundo, em 1922 sofreu no governo do Capitão João de Albuquerque Nunes uma reforma significativa. Com a construção do Matadouro abriu-se a perspectiva do controle da carne consumida pelos moradores (ARRUDA, 2002). Antes disso, como já assinalado anteriormente o abate das reses se dava dentro do perímetro urbano, geralmente ainda de madrugada, antes do raiar do sol os fregueses se

dirigiam até o açougue e compravam a quantidade desejada, sempre pequena, devido às dificuldades de armazenamento. Quanto a essa questão a moradora D. Joana de Albuquerque faz a seguinte declaração:

(...) a carne era comprada de um açougue, chamava-se gancho, que era um arame grosso, virado assim, de madrugada ia no açougue, já vendia a carne e vinha com ele lá; assim que era, mas o boi era abatido na hora, era uma carne gostosa. Diziam que não tinha a higiene de hoje, mas ninguém morria (risos) (ALBUQUERQUE, 2006).

O matadouro só foi desativado em 1978, quando outros projetos de modernização julgou necessária sua demolição.



Figura 3. Vista parcial da cidade

Fonte: SIMON, F; AYALA, S. C. *Album Gráfico de Mato-Grosso. Corumbá/Hamburgo: s/ed, 1914, p. 352*

Em Cáceres durante um longo período os leiteirosⁱⁱ, como eram denominados, saíam todas as manhãs entregando leite, a distribuição era feita em garradas ou em tambores, do qual retirava na casa do cliente a quantidade exigida, grande parte desses trabalhadores atendiam por encomendas, uma espécie de contrato mensal. Uma moradora narra suas lembranças acerca dos leiteiros que percorriam as apertadas ruas de Cáceres, vendendo sua mercadoria: “Ah, os leiteiros também saíam vendendo na garrafa.

Tinha uns que tinham aquelas (...) uma rede que colocava aqui no ombro e era assim, certinho onde enfiavam as garrafas, eles saíam entregando, ou então naqueles tambores que media na sua porta” (SANTOS, 2006).

Outra prática muito comum e que perdurou por bastante tempo em Cáceres, foi a figura dos tropeiros, que pelo menos uma vez na semana vinham das fazendas, chácaras e sítios e faziam o abastecimento de mercadorias, principalmente de alimentos perecíveis, para serem vendidas inicialmente nas chamadas feiras e posteriormente nos armazéns, uma espécie de mercado destinado a venda de gêneros alimentícios. O transporte desses alimentos era realizado em animais, principalmente em cavalos.

Como já mencionado em outro momento, Cáceres especialmente no início do século XX, sofrerá com a forte intervenção dos poderes administrativos, atuando tanto nos espaços públicos, como nos espaços privados, interferindo nas condutas, hábitos e costumes dos cidadãos, a partir daí, percebe-se através dos discursos veiculados pela imprensa, sobretudo impulsionados pelas elites, a busca em inserir a cidade no dito “mundo civilizado”, promovendo nesta, o desenvolvimento vivenciado em várias localizações do

país, principalmente nas cidades do litoral. Além dos projetos de modernização dos espaços urbanos, os poderes administrativos investiam em medidas de disciplinarização e regularização das condutas dos cidadãos, ditando quais lugares e condutas eram ou não apropriados(as) para a nova ocasião.

Promovia-se a condenação de antigos costumes, como frequência a áreas de prostituição, hábitos antiéticos e anti-higiênicos, batuques, e etc. Buscava-se promover com isso a “limpeza”, isto é, expurgar dos novos espaços cidadãos tudo que remetia ao passado colonial-imperial. Entre essas medidas, havia também a condenação de atos que perturbavam a ordem pública, como roubos, assassinatos, entre outras inflações a ordem pública. No entanto, mesmo com medidas de disciplinarização, repressão, comoção impetrada sobre os cidadãos, atos inflacionários continuavam a existir, inclusive em cidades do interior como Cáceres.

A “princesinha do Paraguai”, não estava isenta de violências, e sobre essa questão as narrativas possibilitam compreender algumas peculiaridades do processo de rememoração. Os relatos orais apresentam discordâncias no que se refere a ocorrência de assassinatos e violências na cidade, o que é

compreensível quando leva-se em conta a “multiplicidade de memórias” (PORTELLI, 1996), construídas a partir do contexto social e cultural que o sujeito ocupa. Alguns moradores, afirmam que na cidade, “nunca se ouvia dizer” em assassinatos, que aqui não “aconteciam tais coisas”, enquanto outros(as), como por exemplo, D. Joana de Albuquerque afirma que a cidade nesse período era extremamente violenta. Outra cacerense D. Amélia Souza de 66 anos que viveu toda sua vida na cidade, atesta que mesma padecia com tamanha violência: “(...) teve muitos assassinatos assim que ficava a cidade toda apavorada. Seis horas da tarde todo mundo fechava com medo” (SOUZA, 2006). Alguns mais “radicais” alegam a “necessidade” de se andar sempre armado com um revólver na cintura para se transitar com segurança na cidade.

Obviamente que ocorriam assassinatos, na maioria dos casos estava ligado as questões políticas, mais especificamente as práticas coronelísticas muito presentes na cidade, como também no estado de maneira geral e em várias regiões do país, no entanto, o que me interessa é perceber como os sujeitos narrando a partir de uma mesma temporalidade constroem perspectivas diversas sobre um determinado espaço, tecendo diferentes significados de um mesmo

acontecimento, como se pode perceber nos trechos das narrativas acima. Por se encontrar inserido em um determinado grupo social, o sujeito tende carregar impressões/concepções adquiridas mediante este, visto que a memória por ser um processo individual ocorre em um meio social dinamizado que recorre a instrumentos criados socialmente e que são compartilhados por um determinado grupo, conseqüentemente as memórias podem carregar algumas semelhanças, no entanto, Portelli (1996) assinala que jamais as memórias dos sujeitos serão iguais.

Desse modo, pode-se compreender as peculiaridades envoltas no processo de rememoração, no qual cada sujeito, mesmo estando inserido em um grupo social, ao longo do ponto tende a “guardar” e a subjetivar o que deve ser lembrado ou não, como um fato deve ser narrado, dependendo de quando narra, para quem e quais os objetivos para a rememoração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade então deve ser compreendida enquanto um espaço heterogêneo, múltiplo, ao mesmo

tempo em que carrega particularidades dos sujeitos que transitam por suas avenidas, ruas, praças, vielas e etc., Para tanto, deve-se entender que a cidade não é feita de traçados geométricos, mas sim das relações entre as medidas de seu espaço e as dinâmicas sociais que a envolve. As narrativas contadas por habitantes que vivenciaram a dinâmica da cidade enquanto palco de diversas práticas revelaram um tempo e um lugar agora inexistentes que ganham vida somente nos relatos de memória.

O trabalho com os relatos orais possibilitaram acima de tudo, perceber a visão dos sujeitos sobre a cidade, levando em consideração o lugar social de cada um(a), procurando analisar os olhares dos cidadãos sobre Cáceres/MT nas primeiras décadas do século XX, dando ênfase aos discursos e tentativas de modernização/modernidade da pequena urbe. Desse modo, pode-se notar que a cidade de Cáceres/MT ganha diferentes percepções, alguns/algumas entrevistados(as) a concebiam de maneira um pouco mais otimista, enquanto outros, com seus olhares carregados de concepções de “outros lugares”, isto é, grandes centros urbanos a viam como lugar “atrasado”, “retrógado”, “péssimo”. Contudo, deve-se levar em consideração que o processo de rememoração está

perpassado por reflexos do presente, o(a) narrador(a) lembra a partir do mundo atual em que vive, daí a compreensão do estranhamento quando olham a cidade do início do século passado.

REFERÊNCIAS

Fontes orais

ALBUQUERQUE, Joana de. (79 anos). (fev. 2006). Entrevistadora: Maria do Socorro, Cáceres-MT, 15 de fevereiro de 2006.

ARRUDA, Clarice. (61 anos). (jun. 2005). Entrevistadora: Maria do Socorro, Cáceres-MT, 06 de junho de 2005.

FIGUEIREDO, Augusto. (73 anos). (jun. 2005). Entrevistadora: Maria do Socorro, Cáceres-MT, 21 de junho de 2005.

MORAIS, Lúcio. (84 anos). (abr. 2005). Entrevistadora: Maria do Socorro, Cáceres-MT, 20 de abril de 2005.

NUNES, Eliane. (77 anos). (mar. 2006). Entrevistadora: Maria do Socorro, Cáceres-MT, 09 de março de 2006.

RIBEIRO, Marta. (94 anos). (ago. 2005). Entrevistadora: Maria do Socorro, Cáceres-MT, 04 de agosto de 2005.

SANTOS, Lucélia. (79 anos). (fev. 2006). Entrevistadora: Maria do Socorro, Cáceres-MT, 15 de fevereiro de 2006.

SOUZA, Amélia. (66 anos). (fev. 2006). Entrevistadora: Maria do Socorro, Cáceres-MT, 08 de fevereiro de 2006.

Fonte impressa

A *Razão*: Órgão do Partido Republicano de Matto-Grosso. Ano IX, n. 45. 1926.

Bibliografia

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. As memórias e a história da educação: aproximações teórico-metodológicas. *História da Educação (UFPel)*, v. 13, 2009, p. 211-244, p. 227. Disponível em: [file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/29033-112205-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/29033-112205-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 10 de mai. de 2015.

ARRUDA, Adson de. **Imprensa, Vida urbana e fronteira: a cidade de Cáceres nas primeiras décadas do século XX**

(1900- 1930). 2002. 143 fls. Dissertação (Mestrado em História)-Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2002.

BAPTISTA, Marta. **Estrela de uma vida inteira**: a história de Cáceres contada através das lembranças de vó Estella: Cáceres: 5 ed, 1998, p. 37.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos**: um Hausmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 13ª reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 17.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. Os Trabalhos da Memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1987, p. 20.

FANAIA, João Édson de Arruda. **Elites e práticas políticas em Mato Grosso na Primeira República (1889-1930)**. Cuiabá: EdUFMT, 2010, p. 51.

FENELON, Déa Ribeiro. (et al). **Muitas memórias, outras histórias**. SP: Olho D'Água, 2004.

GASTAL, Susana. **Turismo investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração**: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá, MT: Carlini e Caniato; EdUFMT, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Vila di Chiana. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed da FGV, 1996, p, 103-130.

Recebido em: 11/05/2016

Aprovado em: 31/05/2016

Publicado em: 06/08/2016

NOTAS

ⁱ Nesse momento, Cáceres contava com uma população aproximadamente 8.000 habitantes no perímetro urbano, e a do município aproximadamente de 15.000. No *Album Ghaphico publicado em 1914*, consta a seguinte descrição sobre a urbe: “dezoito ruas e quatro praças, contendo cerca de 500 fogos entre grandes e pequenas habitações e pequenas casas, sendo também o rocio ou arrabalde irregular povoados pelas classes proletárias. Na sede existe: 20 casas e 42 tavernas (casas de gêneros alimentícios e bebidas), 8 açougues, 4 padarias, 3 ferreiros, 2 latoeiros, 2 ouvires, 4 barbeiros, 1 dentista, 1 pharmacia, 1 drogaria,

1 farmácia, 38 carroceiros e carreiros, 5 olarias, 1 fábrica de cal, 1 tipographia e 1 cinematographo”. SIMON, Feliciano; AYALA, S. Cardoso. *Album Gráfico de Mato-Grosso*. Corumbá/Hamburgo: s/ed., 1914, p.356.

ⁱⁱ Em cidades pequenas do interior essa prática ainda é muito utilizada, por oferecer o produto a um preço mais acessível, se comparados com os industrializados.